

MANUAL DE KYUDO

Volume I

Princípios de Tiro (*Shaho*)

(edição revista)

Federação Japonesa de Kyudo (A.N.K.F.)

Tradução Portuguesa, realizada a partir do texto em Inglês
Associação Portuguesa de Kyudo (A.P.K.) 2010-2011

Comissão que Institui os Princípios do Tiro (*Shaho*)



O Falecido Mestre Sakae Urakami



O Falecido Mestre Yozaburo Uno



O Falecido Mestre Tanetsugu Chiba

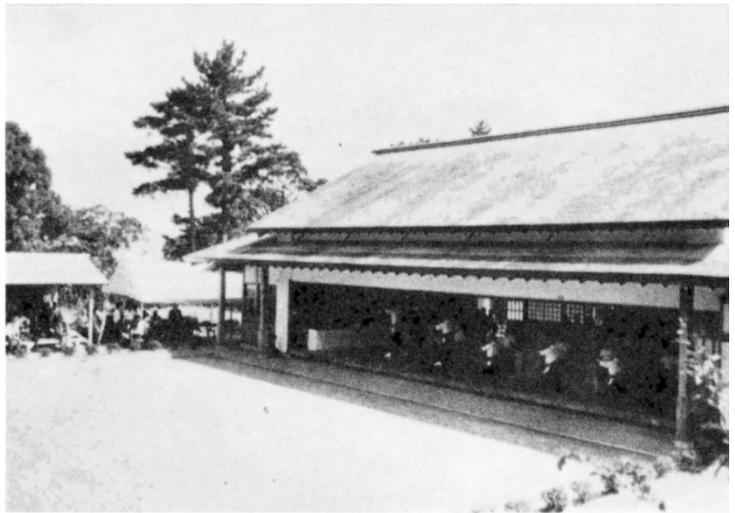


O Falecido Mestre Tasuku Takagi

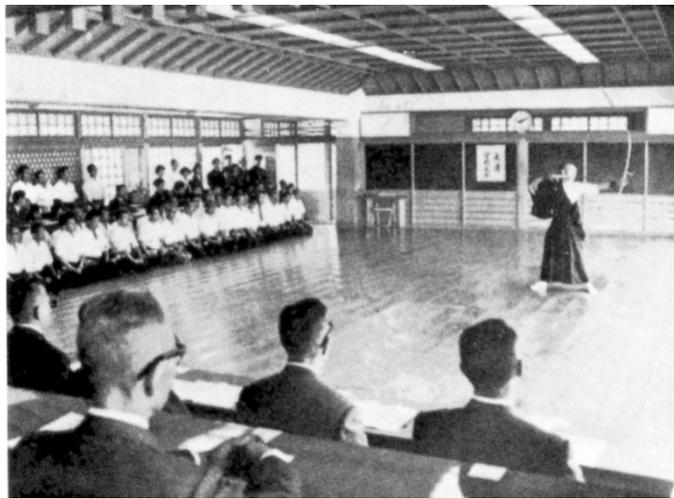


O Falecido Mestre Masakichi Kaminaga

Santuário de Ise
Local de prática de Kyudo (*Dojo*)
(Cidade de Ise)

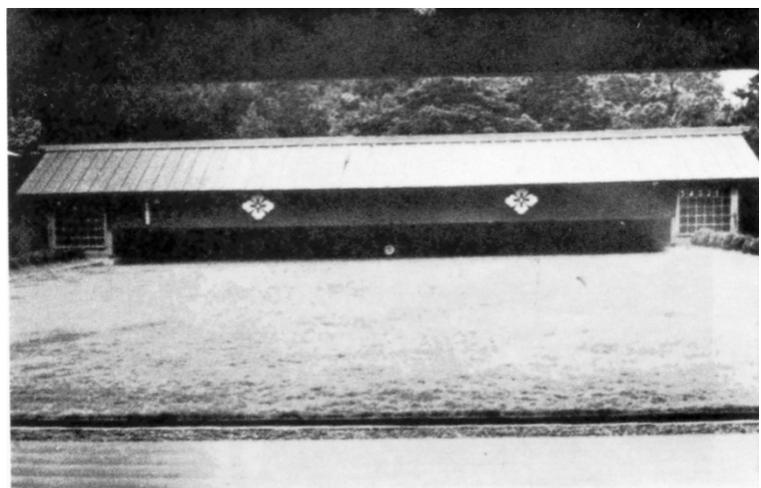


Vista exterior do local de prática (*Dojo*)



Tiro de cerimónia (*Sharei*)
Realizado pelo falecido Mestre Uno

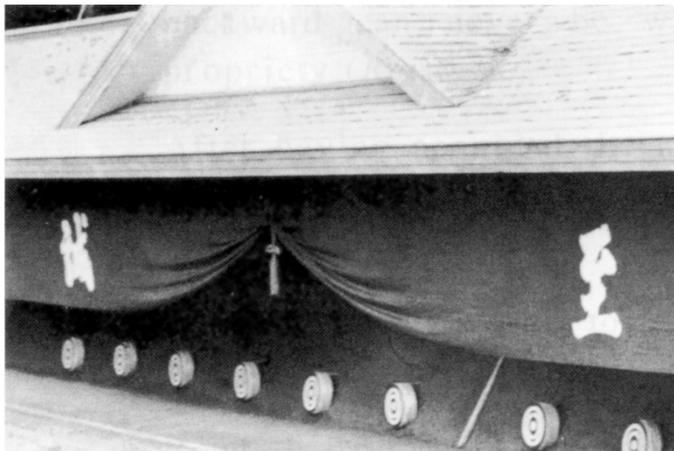
Espaldão
(*Azuchi*)



Santuário Meiji Shiseikan
Local de prática de Kyudo
(Dojo)



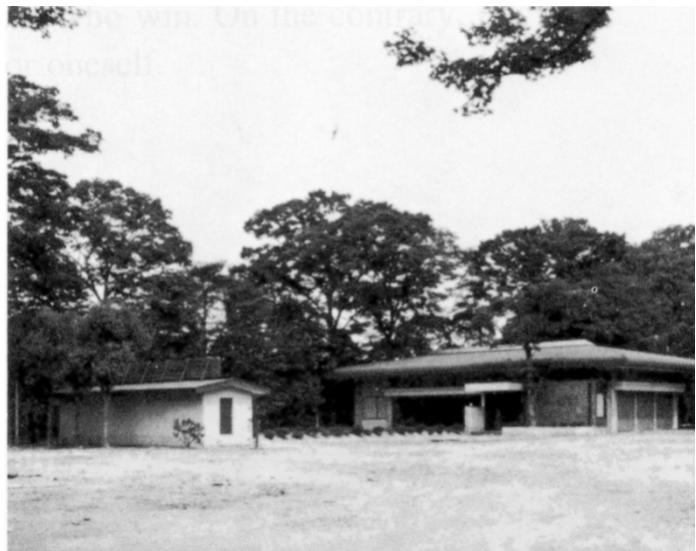
Local de tiro (*Shajo*)



Espaldão (*Azuchi*)

Kyoto Saineikan
Local de prática de Kyudo (*Dojo*)

Local de tiro
(*Shajo*)



RAIKI-SHAGI

Registo da Etiqueta – Verdade no Tiro

O tiro, com o ciclo de movimentos de avançar ou retroceder nunca o poderá ser sem cortesia e decoro (*Rei*).

Depois de ter adquirido a correcta intenção interior e a exacta postura na aparência exterior, o arco e flecha podem ser manuseados resolutamente.

Atirar desta forma é realizar um tiro com sucesso, e através deste a virtude do tiro será evidenciada.

O Kyudo é uma via para o apuramento da virtude plena. No tiro, cada um precisa de procurar a correcção em si mesmo. Com a rectidão em si próprio, o tiro pode ser realizado.

No momento em que o tiro falha, não deve haver qualquer ressentimento para com aqueles que são bem sucedidos. Pelo contrário, esta é uma ocasião para se procurar a si próprio.

SHAHO-KUN

Princípios do Tiro pelo Mestre Junsei Yoshimi

O caminho não é com o arco, mas com a estrutura corporal, que é de maior importância no tiro.

Colocar o espírito (*Kokoro*), no centro de todo o corpo, com dois terços em *Yunde* (braço esquerdo) empurrar a corda, e com um terço em *Mete* (braço direito) puxar o arco. Espírito assente, assim se forma a unidade harmoniosa.

A partir da linha central do peito e para realizar o tiro, divide-se a esquerda e a direita igualmente.

É sabido, que a colisão do ferro com a pedra lança faíscas súbitas; do mesmo modo ocorre o astro dourado, brilhando intensamente, e a meia-lua quando se põe no Ocidente.

ÍNDICE

Frontispício Fotográfico

Comissão que Institui os Princípios do Tiro (<i>Shabo</i>)	iii
Santuário de Ise Local de Prática de Kyudo (<i>Dojo</i>)	v
Santuário de Meiji – Shiseikan Local de Prática de Kyudo (<i>Dojo</i>) e Kyoto Saineikan Local de Prática de Kyudo (<i>Dojo</i>)	vii
<i>RAIKI-SHAGI</i> : Registo da Etiqueta – Verdade no Tiro.....	ix
<i>SHAHO-KUN</i> : Princípios do Tiro - pelo Mestre Junsei Yoshimi.....	xi
Prefácio da Edição Revista (1971).....	5
Prefácio da Primeira Edição (1953)	6
Revisões e Emendas do Texto (1971).....	8
Notas do Tradutor (Inglês)	10

INTRODUÇÃO

As Origens e as Características do Arco Japonês.....	12
Desenvolvimento do Arco Japonês	13
Veneração pela Beleza do Arco Japonês	15
Kyudo MODERNO	16
A Popularização do Kyudo	16
Ética do Kyudo (Código Moral e Etiqueta – <i>Michi to Rei</i>)	17
Finalidade Suprema do Kyudo	19
Os Dois Aspectos do Kyudo.....	21

PRINCÍPIOS DO TIRO (*SHAHO*)

AS TRÊS ESSENCIAS COMO UMA UNIDADE (<i>SANMI-ITTAI</i>).....	24
O Legado de <i>Raiki-Shagi</i>	24
O Legado do Mestre Junsei Yoshimi (<i>Shabo-Kun</i>)	25
FORMA FUNDAMENTAL (<i>KIHONTAI</i>)	27
A Importância da Forma Fundamental.....	27
Atitude Correcta no Execução do Tiro.....	28
As Formas Básicas de Postura e Movimento	28

Posturas Básicas.....	31
1. De Pé	31
2. Sentado – numa Cadeira.....	32
3. Sentado Formalmente no Chão (<i>Seiza</i>)	33
4. Meio Sentado Sobre os Calcânhares (<i>Kiza</i>) e Ancas (<i>Sonkyo</i>).....	34
Movimentos básicos	35
1. Levantar do chão.....	35
2. Sentar no Chão	36
3. Andar	38
4. Virar a Partir de uma Posição Parada	39
5. Virar em Andamento.....	39
6. Virar em Posição Ajoelhada (<i>Hirakiasbi</i>).....	40
7. Vénia (<i>Rei</i>)	42
8. Meia Vénia (<i>Yū</i>)	47
Posição de Segurar o Arco	48
Remover a Manga do Kimono (<i>Hadanugi-Dosa</i>).....	49
Repor a Manga do Kimono (<i>Hadaire-Dosa</i>)	52
Colocar as Flechas no Arco (<i>Yatsugae-Dosa</i>).....	54
FUNDAMENTOS DOS PRINCÍPIOS DO TIRO E DA TÉCNICA DO TIRO (<i>SHAHO-SHAGI NO KIHON</i>)	56
1. Poder de Resistência do Arco.....	56
2. Postura Básica do Corpo (Cruzamento Vertical e Horizontal – <i>Tateyoko-Jumonji to Goju-Jumonji</i>)	56
3. Respiração – (Harmonia na respiração – <i>Ikia</i>)	57
4. Fazer Uso do Olhar (<i>Mezukai</i>).....	58
5. Trabalhar o Espírito (<i>Kokoro</i>) e a Energia Espiritual (<i>Ki</i>).....	58
OS OITO PASSOS DO TIRO (<i>SHAHO-HASSETSU</i>)	59
1. <i>Ashibumi</i> – Colocação dos Pés.....	59
2. <i>Dozukuri</i> – Firmar o Tronco	61
3. <i>Yugamae</i> – Verificar o Arco	62
4. <i>Uchiokoshi</i> – Elevar o Arco	64
5. <i>Hikiwake</i> – Afastando	65
6. <i>Kai</i> – Afastamento Completo	67
7. <i>Hanare</i> – Libertar.....	71
8. <i>Zanshin</i> – Remanescer do Espírito (Conceber)	72
Critérios para o Tiro a Alvos a Grande Distância (<i>Enteki no Shabo</i>).....	74

TIROS DE CERIMÓNIA (<i>SHAREI</i>).....	75
Tiro e Etiqueta	75
O Espírito do Tiro de Cerimónia.....	75
A Importância da Padronização da Cerimónia de Tiro	76
Tipos de Tiros de Cerimónia.....	78
Forma de Joelhos (<i>Za-Sharei</i>)	78
Forma de Pé (<i>Tachi-Sharei</i>).....	79
De Frente a um Atado de Palha (<i>Makivara-Sharei</i>)	79
Tiros de Cerimónia Frente a um Alvo Padrão (<i>Motomae-Sharei</i>).....	79
a) Forma de Joelhos (<i>Za-Sharei</i>)	79
b) Forma de pé (<i>Tachi-Sharei</i>)	83
Tiros de Cerimónia a um Atado de Palha ((<i>Makivara-Sharei</i>).....	86
a) Forma de Joelhos (<i>Za-Sharei</i>)	86
b) Forma de pé (<i>Tachi-Sharei</i>)	90
Tiro de Cerimónia para Senhoras	91
Assistentes ao Arqueiro que faz o Tiro de Cerimónia (<i>Kaijoe</i>)	92
Forma Ajoelhada de Tiros de Cerimónia (<i>Za-Sharei</i>) para Dois ou Mais Arqueiros.....	96
a) Tiro de Cerimónia a Um Alvo (<i>Hitotsu-Mato Za-Sharei</i>) Quando praticado por Três Arqueiros	96
b) Tiro de Cerimónia a Alvos Individuais (<i>Mochi-Mato Za-Sharei</i>)	99
Forma de Pé (<i>Tachi-Sharei</i>) de Tiro de Cerimónia para Dois ou Mais Arqueiros.....	103
Tiro de Cerimónia com um Alvo Grande (<i>O-Mato-Sharei</i>)	105
Forma Tradicional de Tiro de Cerimónia (<i>Waribiza-Tsukubai</i>)	105
MOVIMENTOS PARA TIROS DE CERIMÓNIA (<i>ENBU NO DOSA</i>)	106
Forma de Joelhos (<i>Zasha</i>) e Forma de Pé (<i>Rissha</i>)	106
Prontidão do Arqueiro	106
A Ordem de Tiro	106
Tiro com Vários Arqueiros num Limitado Período de Tempo	108
INSTRUÇÕES A OBSERVAR DURANTE O TIRO	
Procedimentos em Caso de Erro (<i>Shitsu</i>).....	109
Queda do Arco	109
Quebra da Corda.....	109
Quando a Flecha Salta da Posição	110

Outras Precauções a Observar Durante o Tiro	110
Estabilizar a Posição (<i>Sadamenozza</i>)	110
Distância e Espaço	110
Modo de Mover os Pés.....	111
Modo de Transportar o Arco	112
Modo de Levantar o Arco.....	113
Modo de Entregar o Arco.....	114
Modo de Entregar e Receber as Flechas	114
Substituição do Arco.....	115
Forma de Entregar um Conjunto de Quatro Flechas	115
Como Proceder Quando o Arco está Danificado ou a Corda se Parte	116
Tratar do Equipamento de Kyudo	117
Arcos	117
Flechas.....	117
Luvas	117
Corda.....	118
Alvos.....	118
Atado de Palha (<i>Makivara</i>)	119
Transporte do Enrolador da Corda (<i>Tsurumaki</i>) e Outros Artefactos	
Pessoais	120
Traje.....	120
Termos dos Equipamentos de Kyudo.....	121
Arco (<i>Yumi</i>).....	121
Luva (<i>Yugake</i>)	123
Flecha (<i>Ya</i>)	123
Termos das Áreas do Local de Prática (<i>Dojo</i>).....	124
Convenções para Exame (Estratos).....	125
Esquema dos Oito Passos do Tiro (<i>Shaho-Hassatsu</i>).....	127
Posfácio	134

Prefácio à Edição revista (1971)

O Manual de Kyudo Vol. I foi, inicialmente, publicado em 1953 com o propósito de apresentar os elementos essenciais da técnica, bem como os princípios básicos da prática, assentes nos princípios fundamentais do Kyudo japonês moderno.

Desde a sua publicação, este manual tem funcionado não só como uma obra de referência para os iniciados, mas também como uma ajuda inestimável para aqueles que são responsáveis pelo ensino (*Shidosha*).

Posso assegurar que, mesmo hoje, este manual permanece inestimável enquanto fonte e obra de ensino do Kyudo, tal como o foi quando da sua publicação original. A sua validade seguramente que continuará no futuro.

Com o passar do tempo, algumas correcções e revisões menores à primeira edição foram sentidas como necessárias, para ir ao encontro de novas considerações que emergiram desde a sua publicação original. Este esforço resultou na publicação desta edição revista. O propósito de levar a cabo esta edição, não foi o de mudar o conteúdo original, mas fazer uma edição nova e melhorada para o universo actual do Kyudo.

O objectivo da Federação Japonesa de Kyudo, ao tornar disponível esta edição revista do Manual de Kyudo Vol. I a um número crescente de arqueiros, foi o de contribuir, mais ainda, para o desenvolvimento continuado do Kyudo. Desta forma, esperamos que o leitor considere esta edição revista indispensável no alargar do seu entendimento e visão do Kyudo, e que o ajude na sua prática.

Minoru Higuchi, Presidente
Federação Japonesa de Kyudo
Maio 1971

Prefácio da Primeira Edição (1953)

Penso que as pessoas atentas reconheceram que houve um período de colapso moral e confusão, quer no lado espiritual quer do lado técnico da prática, com uma sensação de desassossego e confusão no que respeita aos “Princípios do Tiro” (*Shabo*), cujas consequências são as de que a forma do tiro está em desalinho. Ainda que esta tendência, na comunidade do Kyudo, fosse evidente no passado, é particularmente proeminente no nosso universo actual do Kyudo.

No entanto, de um ponto de vista mais optimista, esta situação faz parte do processo pelo qual uma nova e unificada aproximação ao Kyudo tem que passar, para o seu posterior desenvolvimento e progresso.

Então, antes de mais, desejo que as pessoas no universo actual do Kyudo façam uma abordagem correcta do Kyudo, que conheçam os princípios adequados e a sua técnica. Sobre estas bases, inevitavelmente, desenvolveram o perfeito entendimento da sua prática.

O nosso objectivo, ao produzir esta publicação, foi o de examinar e perspectivar uma padronização dos princípios fundamentais do Kyudo, que funcione como fonte de referência compreensível para todos. Ao fazer isto, a nossa intenção não é menosprezar as várias escolas tradicionais com as suas diferentes maneiras de praticarem Kyudo. Pelo contrário, temos em mais alta consideração a sua preservação das formas clássicas, e desejamos-lhes sucesso e ulterior desenvolvimento.

Durante os três últimos anos, a Federação Japonesa de Kyudo “pisou um caminho espinhoso”. No entanto, chegámos finalmente a um ponto em que se vê alguma esperança de estabilização na sua própria organização. Todavia não nos podemos esquecer que muitas dificuldades ainda nos envolvem na actual situação da nossa organização, e que requerem novos esforços e considerações.

A publicação do “Manual de Kyudo, Vol. I”, foi organizada com este espírito de unidade em mente. Será gratificante se este compêndio puder servir os praticantes de Kyudo nos pontos essenciais da prática, e oferecer uma instrução plena de significado aos arqueiros dos nossos dias. O estudo teórico de natureza mais específica, bem como o estudo das escolas tradicionais de Kyudo, não está abrangido por este manual. No entanto, esperamos que as pessoas responsáveis se prontifiquem a levar a cabo tais pesquisas, e que esta publicação seja um companheiro útil para estudos mais avançados respeitantes a teorias específicas e tradições do Kyudo.

Como todos sabemos, os tempos são de mudança rápida. Manter-se com a corrente dos acontecimentos é um problema não só do presente mas também do futuro. O futuro trará novas tarefas e novos desafios, e, a este respeito, o “Manual de Kyudo Vol. I”, pode ser considerado como um foco para posteriores desenvolvimentos.

Estamos a planear outros volumes do “Manual de Kyudo”, o que não será possível sem o total suporte e a cooperação de todos. Pedimos um esforço conjunto da comunidade do Kyudo para tornar estas publicações uma realidade.

Em conclusão, gostaríamos de dar a saber que a publicação deste compêndio resultou da vontade de muitos membros da federação de todo o Japão. Na planificação da publicação, obtivemos a aprovação de directores e comissões de membros das associações regionais no encontro habitual que teve lugar este ano em Kyoto. Estendemos o nosso sincero reconhecimento ao seu esforço de ajuda à equipa editorial e os mestres que fizeram parte da comissão para o estabelecimento dos Princípios do Tiro (*Shabo*).

Tanetsugu Chiba, Presidente
Federação Japonesa de Kyudo
Junho, 1953

Revisão e Emenda do Texto (1971)

Desenvolvimento:

A Federação Japonesa de Kyudo publicou o “Manual de Kyudo, Vol. I” em 1953, seguido pelos Vol. II e III. Isto foi feito depois de muitas deliberações para estabelecer as normas para a prática do Kyudo. Finalmente, com as revisões adicionais e emendas ao presente volume, estes compêndios conferiram ao projecto um grande sucesso na comunidade do Kyudo. A resposta, em termos de circulação, confirmou com satisfação este sucesso.

Ao rever este volume, foi dada primazia à forma fundamental (*Kihontai*), (também conhecida como movimento formalizado – *Taihai*), conservando-a na sua relação essencial com a etiqueta e a correcção da forma. Ao enfatizar a forma fundamental do tiro, espera-se que o leitor use este texto para aprender estas formas essenciais na sua plenitude, e aplique os valores morais e éticos que a prática exige, para aprofundar a experiência do quotidiano. Os princípios do tiro (*Shabo*) foram estabelecidos como uma norma para o Kyudo moderno, juntando elementos de várias escolas tradicionais como uma rede de referência. Isto foi tornado possível com a ajuda e assistência de membros da Federação por todo o país, que aplicaram a forma revista com excelentes resultados.

Desde a publicação da edição original deste manual, muitos anos se passaram. Com a passagem do tempo, foi-se sentindo a necessidade de desenvolver mais os conteúdos e, depois de dois anos de estudo cuidadoso, foi produzido o presente volume. Deve-se mencionar que, ao fazer estas mudanças, pouco foi feito para mudar a composição fundamental da edição original. No entanto, o novo texto emendado, juntamente com a adição de novo material e com as novas fotografias, resultou numa edição virtualmente nova que se espera mais fácil de entender.

Objectivos:

O antigo presidente da nossa Federação, o falecido mestre Yozaburo Uno, costumava enfatizar os seguintes pontos:

- * estudar os princípios do tiro (*Shabo*) e a arte do tiro (*Shagi*)
- * aplicar os movimentos formalizados (*Taihai*) baseados na etiqueta (*Rei*)
- * melhorar o nível do tiro (*Shakaku*) e a dignidade do tiro (*Shabin*)
- * a necessidade de alcançar a perfeição enquanto ser humano.

Os pontos acima descritos, são os objectivos principais do Kyudo moderno. Ao combinar o movimento formalizado, os princípios do tiro e a arte do tiro num todo unificado, isto produzirá um tiro onde a dignidade e o refinamento serão expressos.

O nosso objectivo no Kyudo não é acertar no alvo. Pelo contrário, o objectivo do tiro é a expressão de beleza harmoniosa.

A chave para o tiro são a sinceridade e a cortesia. Tem mais valor ser sincero do que vencer os outros. Quando praticamos é muito importante ter isto em mente e ter uma real crença e coragem para fazê-lo.

Um dos objectivos ao publicar este compêndio é a nossa esperança de que a vossa prática do Kyudo tenha um significado no vosso dia-a-dia, quer espiritual quer fisicamente. O Kyudo não é simplesmente uma forma de criar bem-estar e de treinar o corpo, mas também uma forma de trazer melhoria e cultura à vossa vida. Devemos considerar a relevância para o nosso treino, de frases do passado como “Kyudo é vida” (*Sha Soku Jinsei*) ou “Kyudo é viver” (*Sha Soku Seikatsu*). Desta forma, nós como praticantes do Kyudo, de quem se espera o domínio de virtudes como a disciplina, a modéstia, a gentileza, o auto-controle e a reflexão através do tiro, podemos realizar estas qualidades na nossa vida.

Conclusão:

O tempo passa e, com a sua passagem, será necessário fazer novas mudanças a este texto. Quando chegar a ocasião, esperamos abordar a tarefa com um esforço honesto e sincero. No entanto, pedimos a cooperação para fazer melhorias futuras no texto.

Ao rever e emendar esta publicação, agradecemos as contribuições que o tornaram possível, e esperamos que este manual se torne uma boa fonte de estudo e orientação para a prática.

Federação Japonesa de Kyudo
Março 1971

Nota do Tradutor

Com o aumento do número de ocidentais que actualmente praticam o Kyudo, quer no Japão, quer nos seus próprios países, a Federação Japonesa de Kyudo verificou que o “Manual de Kyudo, Vol. I”, deveria ser disponibilizado em tradução. Esta decisão resultou na presente tradução inglesa da edição de 1953.

Ao fazer a tradução, todo o esforço foi feito para permanecer tão preciso quanto possível ao significado do texto, só reescrevendo onde a organização ou o conteúdo não se adaptavam à tradução em inglês. Os termos de Kyudo mais familiares foram colocados no texto entre parêntesis juntos com o seu equivalente inglês (*), ou colocados simplesmente no texto quando o seu significado é auto-evidente.

Outra consideração para o leitor é que, enquanto este manual serve como referência e fonte de ensino dos elementos formais normalizados do tiro e do código de valores e objectivos que sustentam a prática, está dirigido para aqueles que já estão sujeitos ao treino, e não deverá ser visto como um substituto, ou alternativa, a um ensino sob um professor experimentado.

Gostaria de agradecer à Federação Japonesa de Kyudo pela sua visão de futuro ao tornar disponível em inglês esta importante obra sobre os princípios do Kyudo. Espero também que isto seja o abrir de uma porta para futuras traduções de textos de Kyudo, que até agora permaneceram indisponíveis para os praticantes ocidentais. Sem a referência a um anterior esboço de tradução, não publicada, pelo Sr. Hiroshi Takahashi, esta obra não teria sido possível. Foi uma ferramenta indispensável na preparação desta tradução. Uma menção deve ser feita aos praticantes de Kyudo, na Europa e no Japão, que ajudaram na revisão deste texto e contribuíram de várias formas para o seu produto final.

Liam O'Brien, Kyoshi, 6th Dan
Londres
Dezembro, 1992

Nota à tradução Portuguesa

A tradução portuguesa do Kyudo Manual Volume I que agora se apresenta é o resultado de um trabalho desenvolvido, ao longo de mais de 10 anos, pelos praticantes de Kyudo em Portugal.

Tendo-se esboçado os primeiros ensaios na então Escola Portuguesa de Kyudo, o trabalho de tradução ganhou maior relevo e determinação nos anos de 2010/2011 no seio da actual Associação Portuguesa de Kyudo que, em Sesimbra, pequena vila piscatória a Sul de Lisboa, criou as condições para a prática e o ensino do Kyudo com Shirotsugu Yokokoji Sensei, discípulo do Zenko Kudo Sensei, e se mantenha hoje com o acompanhamento e supervisão da senhora Maki Kudo Sensei.

Trabalhado em grupo a partir do texto inglês publicado em Tóquio, em 1994 pela All Nippon Kyudo Federation, o esforço de tradução constituiu-se como uma profícua actividade de pesquisa e reflexão sobre a teoria e a prática do Kyudo, sobre o Budo, no encaço da própria tradição Japonesa.

Paralelamente, e por inerência da actividade de adequação linguística, procedeu-se ao estudo da língua e da tradição Portuguesas, onde há muito parecia haver-se esquecido as formas arcaicas do tiro com arco. Lembremos que desde o século XVI os Portugueses haviam substituído, tanto na caça como na infantaria, o arco pelas armas de fogo, levando-as consigo na epopeia marítima até ao país do Sol Nascente.

Como metodologia de trabalho dividiu-se o manual em inglês em oito partes, e distribuiu-se pelos tradutores pedindo-lhes que, ao mesmo tempo que preparavam o seu texto, se confrontassem com a prática do Kyudo, com a abordagem dos termos Japoneses e com a riqueza da língua materna. Muitos foram os termos e as expressões debatidas e apuradas num frutuoso diálogo entre mestres e companheiros no kyudo.

O presente texto resultou assim da compilação e da rectificação desses excertos redigidos pela equipa tradutora, constituída por: José Carmo Ferreira, José Fortunato dos Santos, Luis de Freitas, Luis Paixão, Luís Pereira Nunes, Mário Chainho, Rogério Almeida e Roque Oliveira.

Sendo este um trabalho de tradução e pesquisa, persistiu e persistirá a par do desenvolvimento pessoal, na dinâmica e na consolidação das relações entre os praticantes, e deste com os mestres. Está pois longe de se constituir como uma obra acabada sendo todas as contribuições bem-vindas.

A presente edição é ainda uma pálida imagem do que a via do arco tem para oferecer àqueles que se predispõem à aventura de se confrontarem consigo próprio, e como já havíamos transcrito no site da APK e a propósito de outras leituras: “O meio mais importante de transmissão de conhecimento no Kyudo é o exemplo e a oralidade. Será mesmo impossível encetar a tarefa de progredir no Kyudo a sós, sem alguém que vá corrigindo os erros que de certeza se irão adquirindo. Ficam, no entanto, algumas sugestões de leitura, para complementar o estudo no dojo.”

Aos mestres e a todos quanto, directamente ou indirectamente, nos ajudaram nesta caminhada o nosso profundo reconhecimento.

Sesimbra, 3 de Março de 2012

Roque N. Brás de Oliveira

INTRODUÇÃO

As Origens e o Características do Arco Japonês

O arco japonês actual é único no mundo. Os melhores são tão finamente lacados e decorados com ornamentos de vime de forma a torná-los insuperáveis na sua beleza única e singular.

Ao olhar para o arco japonês, a pessoa pode interrogar-se porque guardou a sua forma única e manteve imutáveis as suas excepcionais características. Afinal, o arco é um dos mais importantes e fundamentais artefactos que esteve em uso entre os povos de todo o mundo. De facto, é raro encontrar uma cultura que não tenha usado o arco durante os mais de dois mil anos em que o seu uso se espalhou. No entanto, hoje, poucas culturas continuaram a manter uma relação com o arco, como aquela que se encontra ainda no Japão. Mesmo a China, que tem uma das mais longas e antigas histórias do Extremo Oriente, não tem um arco que se iguale o arco japonês na beleza da sua forma.

Se compararmos os arcos de outros países com o arco japonês, descobrimos que são geralmente mais pequenos, resultando que a força projectada neste tipo de arcos é muito forte. Sem dúvida que este tipo de arco mais curto, funciona bem no seu propósito de penetrar o alvo. Todas as culturas desenvolveram o arco por esta razão e o arco japonês não foi, claro, excepção.

No entanto, comparado com o arco ocidental, mais curto, o arco japonês, mais longo, requer uma maior abertura para produzir um resultado equivalente no disparo. E isto significa que, apesar de não haver diferença na quantidade de força física requerida para abrir ambos os arcos, o arco japonês com a sua maior abertura produz efeito mais apelativo esteticamente, com o arqueiro centrado no interior da grande curva do arco. Onde o arco ocidental permaneceu utilitário na sua aproximação, o arco japonês manteve o seu comprimento, inconveniente funcionalmente, fora de consideração, devido à elegância e beleza da forma. Esta sensibilidade é encontrada na relação ritualista para com o arco, bem como na sua profundidade de significado psicológico.

Se olharmos na distribuição e classificação dos arcos pelo Extremo Oriente, torna-se aparente que o arco japonês é claramente diferente, na forma e origem, dos arcos de outras culturas asiáticas. Traçar as origens do arco japonês talvez seja possível através dos dados recolhidos de estudos arqueológicos, da forma dos arcos, métodos de construção e utilização. No entanto, isto é tornado difícil pelo facto dos arcos dos povos mais antigos serem feitos de materiais perecíveis, tal como a madeira e o bambu, por isso muito pouco permanece para ser examinado. Estes poucos vestígios que existem, estão preservados no museu/arquivo Shosoin em Nara, e são, provavelmente, dos mais antigos no Japão.

O arco está profundamente relacionado com a vida dos japoneses. Desde tempos primitivos o arco foi sempre parte da sua identidade. Mesmo o lendário Imperador Jimmu, enquanto símbolo do Japão e dos japoneses, é retratado segurando um arco na mão. Desde o tempo em que Yoshiie Minamoto dedicou um arco e flechas ao Imperador Shirakawa como um troféu do sucesso em duas grandes vitórias - dados ao Imperador para ajudar à sua recuperação na doença - o arco e as flechas passaram a ter um significado mais profundo em conexão com a vida espiritual e pessoal do guerreiro. Desde esta era ocorreu a ideia de que o arco era um vaso das virtudes guerreiras, com as qualidades do arco a tomarem significados místicos.

Nada no mundo é mais simples do que disparar um arco. Não só o arco e as flechas são dos mais simples artefactos, mas também o acto de atirar é em si simples. A criança gosta de atirar uma flecha no seu inconsciente mundo de brincadeira, um mundo que reflecte as próprias origens desde acto, que vai até aos primórdios da humanidade. Quando para a criança é só um jogo, para os nossos antepassados, quando colocavam uma flecha, isso significava o drama da vida ou da morte na caçada de uma presa. Neste acto primário de disparar o arco, não é só a nossa inteligência humana e habilidade que se expressa, mas algo de muito mais fundamental para a nossa natureza humana. A história do arco permanece intimamente ligada à nossa humanidade.

Quando o arco se tornou uma arma, isso forçou a tecnologia a desenvolver um arco mais sofisticado, e na busca para fazer uma arma mais poderosa, o arco tornou-se um símbolo de poder e de força.

Desenvolvimento do Tiro com arco japonês

A característica do arco e flechas japoneses é a simplicidade da sua forma. Mesmo os arcos usados hoje em dia mudaram muito pouco na sua construção relativamente aos arcos do passado. Em comparação com os avanços do mundo tecnológico moderno, a simples, quase primitiva, forma do arco japonês é um anacronismo. No entanto, esta simplicidade é o verdadeiro carácter que ele representa. Utilizar materiais modernos não melhora a o seu desempenho. Uma flecha feita de bambu, dispara tão bem como uma de metal ou materiais sintéticos. Também, as subtilezas que se experimentam com os materiais naturais, não existem nos materiais modernos. São estas mesmas qualidades encontradas nos materiais naturais que dão um interesse estético e profundidade à experiência de manusear as flechas e o arco japonês, que não tem equivalente no tiro com arco ocidental.

Enquanto a construção e aparência do arco e flechas não mudou de forma significativa ao longo da sua história, uma atenção extraordinária tem sido tida ao desenvolvimento da relação psicológica com o arco. Este longo período de história no qual a atenção deve ser dada ao aspecto estético e psicológico, foi mais do qualquer outra coisa, um factor no cultivar da singularidade do arco japonês. Para os japoneses, o arco e as flechas são reverenciados como objectos de fé que se crê serem misteriosos portadores de espiritualidade.

Pensando no arco, pensa-se imediatamente nele como uma arma. Apesar da sua função primeira na maior parte da história registrada, ser a de um instrumento de guerra, o seu propósito original era uma ferramenta de caça. Ambas as funções são inerentes nos seus propósitos e relacionam-se com a sua dimensão espiritual e psicológica, mas o que é fascinante no arco japonês é que estes aspectos utilitários foram sempre secundários relativamente à sua natureza estética e espiritual. Nesse papel simbólico sempre foi objecto de respeito para o povo japonês. Talvez o facto da beleza e do mistério da sua forma de prender a imaginação tenha sido instrumental na permanência da sua forma durante tanto tempo.

Nenhum povo teve o grau de relação espiritual com o arco como o teve o japonês. Muitas culturas, como os egípcios, babilónios e outros povos antigos, que usaram o arco curto com a sua ênfase nos aspectos práticos, tiveram um a relação simbólica e espiritual com o arco que era similar nos intentos à dos japoneses. Por exemplo, na cultura Assíria o arco e flecha eram chamados a Arma Real, e nas ocupações os novos domínios eram consagrados, chamando-se ao novo território o Troféu do Arco. No Japão também existem muitos exemplos da função simbólica e ritual do arco. Nos tempos antigos, o povo designava o carácter nobre de uma pessoa com a expressão “casa do arco”, e na execução do Tiro *Meigen*, o som da corda do arco é usado para purificação e expulsão dos espíritos.

Muitas culturas usaram o arco como uma arma, mas muito poucos desenvolveram e formalizaram o aspecto psicológico e simbólico, o mantiveram um arco comparável em altura ao arco japonês. Só no Japão o arco longo foi usado apesar a inconveniência e ineficácia, quando comprados com os arcos de dimensões menores. Também o arco curto mais portátil, com a sua pega central, é mais fácil de operar quer na posição vertical quer na horizontal. Por outro lado, o arco japonês tem a pega colocada assimetricamente, presumivelmente porque através da experiência esta posição foi considerada como sendo o melhor compromisso entre as considerações funcionais e as estéticas.

O arco japonês é similar no seu tipo aos arcos usados por povos que vivem região do Pacífico, mas é inteiramente diferente do tipo usado na China. Também o conceito de tiro com arco no Japão antigo era bastante diferente do da China. Apesar de mais tarde o sistema de etiqueta chinês e de valores éticos (*Rei*) baseados no confucionismo, e outras formas de pensamento japonês, foram introduzidos na cultura japonesa e tornaram-se uma influência maior no desenvolvimento do quadro ético e psicológico do Kyudo e nas características únicas do arco japonês.

Nos tempos antigos, o arco japonês, era simplesmente um arco linear feito do tronco de uma árvore, da forma que outros povos do Pacífico faziam arcos. Mesmo em períodos mais tardios, era feito da parte mais forte do tronco de ulmeiros (conhecidos pelas antigas designações de *Tsuki*, ou *Keyaki*) ou catalpas (*Azusa*). O método de laminar um arco invertido era já usado então pelos chineses nesse tempo. Mantendo a forma estreita do arco, a técnica laminar dos chineses foi apreendida e adoptada na manufatura do arco japonês, desenvolvendo gradualmente poder enquanto mantinha a forma original.

A definição de arco longo é um arco com 1,82 m ou mais. Muitos dos arcos antigos que ainda existem, estão nesta categoria, com um comprimento entre 1,82 e 2,12 m. Nos dias de hoje um arco com 2,21 m chamado *Namihoko* é o arco de comprimento normal usado pela maior parte dos arqueiros. Arcos mais longos são também usados de acordo com a altura e o comprimento de flecha do arqueiro. Apesar de se terem usado arcos de comprimentos excepcionais, eram normalmente mais curtos do que os utilizados hoje. Excepções eram um arco chamado *Hokozumari* que tinha um comprimento de cerca de 2,06 m e um arco curto de 1,61 m usado em acampamentos militares. Estes tipos de arco tinham a vantagem de que o disparo da flecha era mais rápido, mas partiam-se mais facilmente. Estes eram também tipos de arco japonês mais curtos usados em tiro a aves e caça miúda.

Veneração pela beleza do Arco Japonês

O comprimento e as qualidades estéticas do arco japonês, foram os factores dominantes na determinação da sua forma. Noutras culturas o arco curto evoluiu devido à sua superioridade como arma. Enquanto o longo arco japonês e com a pega em baixo, e a inerente dificuldade em manusear, permaneceu imutável por respeito pela beleza da sua forma e da relação mística para com o arco enquanto objecto de veneração (*Tempyo*).

A sua limitação prática foi também um catalisador ao gerar a técnica especial para lidar com este tipo de arco, bem como toda a relação psicológica para com o acto de atirar.

A beleza do arco japonês é aclamada no trabalho do escritor Nyozeikan Hasegawa, “A Beleza da Etiqueta” (*Rei no Bi*), na qual declara: “Pergunto-me de onde deriva a beleza do arco japonês. Não há outro arco no mundo em que a sua forma e curvatura tenha um sentido estético semelhante ao do arco japonês. A curva da maior parte dos arcos no mundo, é um semicírculo vulgar, com a pega no seu centro, enquanto o arco japonês tem a pega colocada assimetricamente a cerca de um terço do seu comprimento total, dividindo-o em duas curvas distintas (*Sori*), ambas formando uma elasticidade contínua de poder igualmente distribuído pelo arco para criar uma condição de perfeito balanço.

A curvatura imediatamente acima e abaixo da pega é frequentemente considerada masculina e dinâmica na sua qualidade, enquanto a curva em torno da parte superior do arco perto do topo (*Urabazu*) é considerada delicada e feminina no seu equilíbrio, como a forma de uma elegante princesa (*Himezori*). O que temos corporizado no arco é o equilíbrio entre o masculino poderoso e o feminino delicado e receptivo.”

A descrição de mestre Hasegawa, descreve poeticamente a beleza visual do arco e a sua dinâmica. O equilíbrio perfeito dos opostos, confere ao arco sua beleza. Lao-Tse, um dos grandes filósofos chineses, usou também o arco como uma analogia para o equilíbrio dos opostos universais o equilíbrio do fraco com o forte era como a Via do Céu (*Tendo*). A via do Céu é como o curvar de um arco. “Este equilíbrio de opostos é a própria beleza “.

Quando o equilíbrio dinâmico do arco é combinado com o corpo do arqueiro, como arco e a flecha alcançando a plena abertura, esta condição ela própria produz uma forma circular de grande beleza, que tem sido amada e querida pelos japoneses durante muitos séculos, e permanece intacta nesta forma até ao presente.

KYUDO MODERNO

Popularização do Kyudo

No seu desenvolvimento o Kyudo estende-se para além do tempo em que o arco era usado exclusivamente como uma arma que era uma parte inseparável da vida do guerreiro. Nos tempos modernos o arco não desempenha mais esse papel vital, mas pode ainda desempenhar uma parte significativa das nossas vidas, como meio para o auto desenvolvimento e o crescimento moral e espiritual. Este tem valor particularmente para os mais jovens, que podem ganhar recompensas do treino físico e espiritual. Visto desta forma o Kyudo tomou um significado moderno, mudando o seu foco para ir ao encontro das mudanças sociais do pós-guerra. Assim ainda que não haja uma mudança óbvia na aparência exterior e na forma do Kyudo, algumas mudanças inevitáveis na atitude e na sensibilidade ocorreram.

Entre estas mudanças está a organização democrática do Kyudo que tem como propósito tornar o Kyudo disponível para todos. Também na nossa atitude mental deve haver uma abertura que reflecta o espírito democrático. No entanto a mera democratização exterior da estrutura sem uma mudança interior na atitude ignora o principal objectivo do Kyudo que é o treino moral. Não existe democratização do Kyudo sem a atitude moral que deve ser a sua fundação.

O aspecto espiritual é inegável no Kyudo, apesar de haver aqueles que têm reservas quanto à sua aplicação. No entanto, o espiritual é parte da nossa condição humana. Negá-lo na nossa prática é falhar o entendimento da realidade do Kyudo. Por isso deve haver precaução no desenvolvimento do Kyudo enquanto um passatempo popular, para que o aspecto mais profundo não seja descuidado. Se este for mantido, dificilmente poderá haver críticas justificáveis ao estado do Kyudo moderno.

No passado havia aqueles que tomavam a vista estreita que a singularidade cultural do Kyudo fazia dele uma prerrogativa exclusiva dos japoneses. No entanto, muitos aspectos da cultura japonesa tornaram-se bem entendidos no Ocidente, e o Kyudo tem também esta possibilidade. Apesar do aspecto desportivo é agora uma parte importante do Kyudo moderno, os seus aspectos éticos e espirituais devem também ser transmitidos ao Ocidente. Estas qualidades são a sua singularidade.

O Kyudo é entendido por alguns meramente em termos de competição, na qual se “compete com outro pela honra”. Para quem assume este ponto de vista, o conceito de *Fuso* “ser sem conflito” não pode ser aceite. A resposta a esta atitude é que é claro que a competição é para decidir um vencedor e um perdedor. Deve haver respeito pelos outros competidores. Tomar uma atitude em que oponente deve ser derrotado, ou ser tomado pela vitória à custa de se perder a estabilidade espiritual é incorrecto. Manter uma mente tranquila no meio da competição é praticar o verdadeiro Kyudo.

Ética do Kyudo (Código Moral e Etiqueta - *Michi to Rei*)

É altamente desejável que o Kyudo continue a aumentar a sua popularidade. A sua disseminação a um público mais vasto, incrementará a admiração e o respeito pelos valores que contém. Por outro lado levará a uma mais profunda preocupação por estes valores que só poderá trazer maiores desenvolvimentos e avanços no estudo do Kyudo. Mesmo estando a nossa prática ancorada nestes valores do passado, não podemos permanecer estáticos. Usando a experiência e sabedoria do passado, podemos extrair novas aproximações que levarão a maiores entendimentos e desenvolvimentos. Esta aproximação à prática deve ser intemporal, para que exista sempre este espírito de avaliação e avanço. Com o crescimento interior, a estrutura externa ganhará também significado. A organização externa não pode ser alcançada sem este desenvolvimento interno.

Historicamente, o Kyudo desenvolveu uma sensibilidade estética notável. Esta sensibilidade é uma característica muito própria das coisas japonesas. Por exemplo, encontramos artigos práticos da guerra, como espadas, armaduras e até o arco, que pela sua natureza não precisam de valor estético ou ético, são frequentemente manufacturados e desenhados com grande sensibilidade. Isto é evidente não só nos próprios objectos mas também na combinação da formam humana com os objectos para produzir uma certa beleza e valor. No Kyudo isto é exemplificado na combinação do corpo do arqueiro com o arco.

Podemos ver a beleza espiritual interior revelado na aparência externa e forma. Este sentido estético é a substância do Kyudo e formou a beleza única do arco japonês. Esta sensibilidade espiritual, também sublinha e sustenta os valores morais que fazem do Kyudo uma via espiritual e uma disciplina ética, que é única no sentido que os seus valores estéticos, morais e éticos tomam precedentes sobre os práticos. Esta aproximação não se encontra hoje nas disciplinas do arco de outras culturas, que tendem a colocar mais ênfase na técnica requerida para acertar no alvo.

Originalmente o arco japonês era usado exclusivamente como arma de guerra, mas gradualmente sob a influência do Confucionismo, um sistema de código moral (*Do*) foi predominando sobre a técnica (*Waza*). O tiro que é só técnica é desprovido de valores éticos. No entanto, quando o tiro é aplicado dentro do contexto do *Do*, então todos os movimentos e acções têm de ser executados com juízo moral e ético. O significado disto está expresso no *Raiki-Shagi*, que declara, “O tiro, com o ciclo de movimentos de avançar e retroceder, nunca o poderá ser sem cortesia e decoro (*Rei*)”.

Na sua evolução, o arco japonês adquiriu e manteve a sua forma única como resultado da influência dominante destes valores estéticos e éticos. O tiro cerimonial (*Sharei*) é ele próprio a amálgama de regras e critérios do tiro juntos com a etiqueta observada na sua execução.

De acordo com o filósofo chinês Junshi, o significado original da etiqueta (*Rei*) vem da do auto-controle sobre o desejo pelo que é material. Usar o desejo para adquirir o não-material (espiritual), ou para procurar o material pelo desejo, em qualquer caso o desejo retira equilíbrio à pessoa. A função da etiqueta é o de manter a um equilíbrio dinâmico entre o espiritual e o material.

Confúcio enfatizava os três princípios da sabedoria (*Chi*), benevolência (*Jin*) e a bravura (*Yu*), como a essência de inúmeras maneiras e propriedades que existiam no código de etiqueta chinês. No entanto a classificação de Mêncio diferia do sistema de Confúcio pela adição de correção (*Gi*), etiqueta (*Rei*) e pela exclusão da bravura (*Yu*). Para Confúcio, no entanto, etiqueta (*Rei*) está incluída na benevolência (*Jin*). Etiqueta (*Rei*) é chamada benevolência (*Jin* ou *Ten*). Etiqueta (*Rei*) é nesta definição significa etiqueta para com os outros (*Girei*).

Isto foi depois desenvolvido pela aplicação da etiqueta para consigo próprio bem como para com os outros.

“Um verdadeiro senhor é modesto em todo o momento e comportamento mesmo quando sozinho”.

Este pensamento ético provavelmente influenciou a maneira japonesa de pensar.

Apesar do Kyudo ter as suas origens na via dos guerreiro (*Bushido*) que exaltava a dignidade da guerra e do combate, nesta era moderna é a via do verdadeiro homem e do caminho para a benevolência. Durante a execução do tiro o arqueiro o arqueiro deve ser verdadeiro na sua atitude para consigo mesmo. Quando o arqueiro encontra o equilíbrio na verdade, então o tiro correcto seguir-se-à. Esta verdade para consigo mesmo é testada na sua atitude para com os outros. Não deve haver inveja para com aqueles que são melhores que si próprio. Pelo contrário, deve-se usar a situação para examinar as suas próprias inadequações. Confúcio diz “Um verdadeiro cavalheiro não entra em contendas com os outros. Se o fizer será através do tiro com arco. Ao ir para o campo de tiro ele nunca falhará em ir com a máxima cortesia. Se perder a competição, ele mostra respeito pelos outros servindo vinho de arroz. A competição de tiro com arco com os outros, honrada desta forma é a expressão de um verdadeiro cavalheiro.”

Neste pensamento clássico chinês, o acto de manter-se na verdade e na virtude nega qualquer conflito. Ao manter-se junto a estes ideais morais, considera-se que a paz e a estabilidade prosseguirão. Apesar destes valores éticos confucionistas se terem perdido no tiro com arco chinês, são ainda postos em prática na via do arco japonês.

Objectivo Supremo do Kyudo

Shin: Verdade: A busca da verdade tem sido o objectivo de todas as culturas e épocas. Podemos dizer que a pesquisa para definir ou pelo menos intuir a verdade absoluta é o objectivo de todas as religiões e disciplinas filosóficas.

No Kyudo, verdade é a realidade primeira do tiro. A verdade não pode ser decepcionada. A flecha voa directa ao alvo. Isto é verdade. No entanto encontramos o paradoxo intemporal que a verdade absoluta não pode ser entendida. Pode ser intuída, mas não definida. Como resultado temos de examinar interminavelmente a nossa relação com o nosso tiro, já que somos aquilo que distorce e nos que nos remove de estar na verdade.

A verdade encontra-se nas relações para além de nós próprios. Devemos estar receptivos aos conteúdos da situação que nos guia até à Verdade. Existe uma resposta na vitalidade e na vida do arco (*Yumi no Sae*), o som da corda do arco (*Tsurune*), e a busca é o caminho do Kyudo (*Michi*), ao longo do qual através de cada tiro, procuramos unir o ser humano (o homem) com o absoluto.

Zen: Bondade: Bondade em termos de Kyudo é dito enquanto valor moral. Através da disciplina da etiqueta (*Rei*) existe um estado de compostura adquirida que não tem conflito. Esta condição de dignidade e gentileza, é a condição do verdadeiro cavaleiro (*Kunshi*) que era tão prezada como ideal na cultura Chinesa.

Nesta forma de pensar, derivada como é do confucionismo, a ênfase é colocada em não perder a compostura da mente. Este estado mental é conhecido como *Heijoshin*, que quer dizer a mente normal do dia a dia, que está sempre numa relação calma e harmoniosa com as circunstâncias. Por isso não é um estado extraordinário, mas o que deve ser a mente quotidiana em tranquilidade e compostura.

As nossas vidas precisam de uma matriz moral na qual se possa cultivar a paz e o consenso com outros. Reacções negativas para com os outros perturbam a prática do Kyudo. Pelo contrário, precisamos de cultivar a bondade (*Zen*) na nossa atitude para com outros. Isto terá significado na prática do Kyudo, e na sua contribuição positiva para a sociedade.

Bi: Beleza: Aquilo que é belo preenche os nossos sentidos. A sua aquisição é o objectivo supremo de todas as artes. É a forma da verdade expressa na aplicação do bem. No Kyudo, tomando o arco como a concretização primeira da estética e da beleza espiritual, estas qualidades são expressas através do veículo de tiro cerimonial (*Sharei*), cujas restrições formais solicitam esta expressão, e cuja grandeza é combinada com o espírito de (*Shintaihuusen*) harmonia em todos os movimentos, no qual os movimentos, harmonizados com a calma presença da mente, trabalham em conjunto ritmicamente para excitar o nosso sentido do belo.

Segundo o escritor Hasegawa no seu livro anteriormente mencionado “A Beleza da Etiqueta” (*Rei no Bi*), o tiro de cerimónia (*Sharei*) é de facto algo muito pleno esteticamente. No entanto, outras formas de tiro com arco começam e acabam com o controle do arqueiro através da força física. Torna-se uma demonstração de poder, mais do que de harmonia e relacionamento que é a beleza única que se encontra no Kyudo. O filósofo alemão, Dr. Eugen Herrigel, diz no seu livro agora mundialmente famoso, *Zen e a Arte do Tiro*, “O arco longo inglês é aberto com a força dos braços à altura dos ombros, mas como o arco japonês é levantado alto e aberto para baixo é apenas necessário usar a força necessária para abrir os braços”. É nesta poupança de força física, que é baseada na relação com a mente, que está a beleza do tiro com arco japonês.

Dois aspectos do Kyudo

O Kyudo moderno tem vindo gradualmente a ser apreciado como um desporto. Este seu aspecto naturalmente terá uma popularidade crescente devido à sua acessibilidade através da ênfase na técnica e na competição. No entanto, o carácter único do Kyudo não pode ser entendido só dentro do contexto do desporto e da técnica porque ele inclui também um lado profundo.

Existem aqueles que com muito trabalho árduo exercitaram-se a si próprios na busca da quinta essência do Kyudo. Nesta exigente via, ele foi arduamente estudado por muitos grandes arqueiros. Apesar de procurar o mais alto nível da prática não ser a ambição de todos, os praticantes de Kyudo devem estar conscientes do aspecto espiritual. Então o lado mais popular do Kyudo terá uma relação com os aspectos mais profundos da prática. Sem esta relação, o aspecto popular será oco e vazio.

Entender a relação entre estes dois aspectos do Kyudo tem relevância com as nossas vidas. Sabemos que atingir o alvo é muito importante no Kyudo. No entanto, com frequência experimentamos uma perda de relação com nós próprios nas nossas tentativas para tentar atingir o alvo. Sabemos que esta atitude não é a correcta. Para muitos isto pode parecer uma noção pouco razoável, mas nada é mais desgostante no Kyudo que disparar baseado neste apego ao acto de acertar. Na nossa vida quotidiana também com frequência experimentamos este tipo de atitude, mas a realidade deste desejo é mais evidente no tiro, então através da nossa prática a importância da atitude correcta para com o desejo é encontrada e as nossas vidas podem ser experimentadas mais profundamente. Neste contexto, expressões como “Atirar é Vida” (*Sha Soku Jinsei*), “Atirar é Viver” (*Sha Soku Seikatsu*), “Atirar é Zen em Pé” (*Sha wa Ritsi - Zen*), ganham significado.

Nesta era moderna é inevitável e muito apropriado trazer uma aproximação científica para o Kyudo. O tiro pode ser estudado em termos de dinâmicas e a operação do corpo através da sua anatomia. Muitos resultados interessantes foram obtidos pela pesquisa nestes campos. No entanto, enquanto a racionalidade científica é útil, devemos lembrar que o Kyudo enquanto disciplina oriental também pede um aspecto irracional igualmente. O irracional desafia o entendimento e leva à dúvida, de forma a que, de um ponto de vista lógico, muitos aspectos do Kyudo parecem incompreensíveis. Para nos relacionarmos com este aspecto do Kyudo, devemos virarmo-nos directamente para a nossa experiência e através disso teremos intuição e relação.

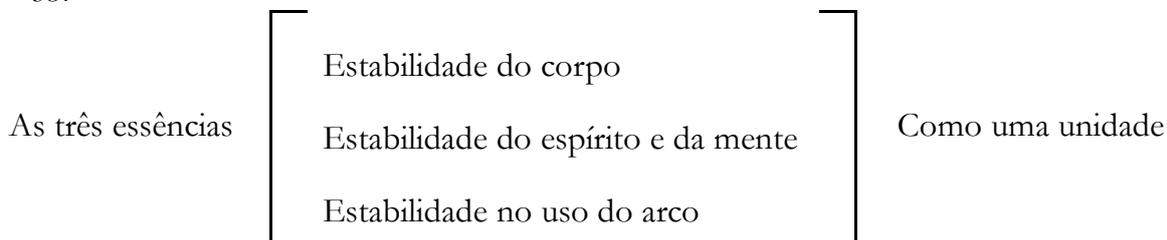
É verdade que não podemos fazer nada sem técnica, mas a técnica sozinha não proporciona profundidade à nossa execução. Devemos unir ambos os aspectos num só, pelo alcançar de um estádio aonde a técnica e o espírito estão unidos (entrelaçados) numa corda. Este é o problema essencial que é difícil de resolver. Se colocamos ênfase na técnica facilmente esquecemos o espírito, e se pensamos só no espírito, o tiro não terá técnica. Estes dois aspectos não são distintos, mas devem ser sempre considerados como um só. Na unidade estes dois pólos fundir-se-ão numa condição que estará para além da divisão. O lado técnico e o lado espiritual, enquanto diferentes na forma externa, uma vez unidos e interiorizados, então não surgirá nenhuma distinção entre eles. Isto produzirá os mais nobres valores na atitude e na performance.

PRINCÍPIOS DO TIRO (SHAHO)

AS TRÊS ESSÊNCIAS COMO UMA UNIDADE (SANMI-ITTAI)

Comentado por mestre Yozaburo Uno

Sanmi-Ittai significa a unidade das três essências, Corpo, Espírito e Arco como um só.



Para o praticante de Kyudo, a questão vital é como criar esta unidade essencial. Os nossos predecessores, examinaram esta questão de unificar o Corpo, o Espírito e o uso do Arco, e nos seus ensinamentos deixaram o seu legado para nossa consideração.

O legado do *Raiki-Shagi* (Registo da Etiqueta - Verdade do Tiro)

O *Raiki* (etiqueta) diz:

“O tiro, com o ciclo de movimentos para a frente ou para trás, nunca pode ser executado sem cortesia e correcção (*Rei*)

Depois de se ter adquirido a certa intenção interior e a correcção na aparência exterior, o arco e a flecha podem ser manuseados de forma resoluto. Atirar desta forma é executar o tiro com sucesso, e através deste tiro a virtude será evidente.

O Kyudo é a via da virtude perfeita. No tiro, a pessoa deve procurar a sua rectidão interior. Com isso, o tiro realizar-se-á.

Quando um tiro falha, não deverá haver ressentimento para com aqueles que vencem. Pelo contrário, isso deverá ser uma ocasião para reflectir sobre si próprio”.

Ao examinar isto, podemos ver que implícitas no significado estão os três elementos que formam a Unidade Essencial (*Sanmi-Ittai*). São eles: (1) A Perfeita Compostura da Vontade e do Espírito, (2) A Estabilidade da Forma Física, (3) Precisão no Uso do Arco. Ao procurar estas qualidades essenciais ao nosso treino, concretizaremos as “Cinco Virtudes”. (estas são as Virtudes confucianas da benevolência, Justiça, Cortesia, Sabedoria e Sinceridade).

Quando a nossa prática está na salvaguarda destes valores, se uma flecha é disparada sem sucesso, não se deve culpar os outros pela nossa falha. Pelo contrário, deverá procurar-se diligentemente a causa da falha através da reflexão e instrução de outros. Desta forma, o Kyudo pode ser visto como uma forma de cultivar a disciplina mental e a virtude baseada nestes valores tradicionais.

Devemos nunca perder de vista estes valores como fonte de motivação para a nossa actual comunidade de Kyudo

O Legado de Mestre Junsei Yoshimi (*Shaho-Kun*)

Mestre Yoshimi, cujo outro nome era Daiuemon Tsunetake, foi um famoso dependente do clã Kishu de meados do período Tokugawa. Era afamado pela sua literacia combinada com a grande habilidade no Kyudo. Nesse tempo, ele era senior do mestre Kanzaemon Hoshino do clã Bishi, e de mestre Daihachiro Wasa de clã Kishu, que eram também proeminentes no mundo do Kyudo. Nos anos finais, mestre Yoshimi tornou-se monge budista, e mudou-se para o recinto do Templo Daitokuji em Kyoto, onde viveu.

O seu testamento diz:

(1) “A via/forma/maneira não é com o arco mas com o osso, o que é de grande importância no tiro”. Isto significa que, quando se atira, não se deve perder a consciência geral e preocuparmo-nos apenas com manejar o arco e as flechas, mas lembrar que o esforço do tiro deve também ser feito com os músculos e os ossos.

(2) “Colocar o espírito (*Kokoro*) no centro do corpo inteiro”, Isto significa que se deve controlar a estabilidade da energia espiritual. “...no centro do corpo inteiro...” indica o centro espiritual abdominal (*Tanden*), que está localizado no centro do corpo físico.

(3) “...com dois terços do *Yunde* (braço esquerdo) empurrar a corda, e com um terço de *Mete* (braço direito) puxar o arco”. Isto indica que no momento de abrir o arco (*Hikivake*) deve estar-se consciente da correcta acção de puxar e empurrar. Com o braço esquerdo puxa-se e com o braço direito empurra-se. Explicá-lo desta forma, de uma forma contrária (contrário ao que seria o entendimento lógico da acção) é extremamente interessante. Mostra que o abrir do arco e da corda tem de ser feito com uma acção de interacção entre o puxar e empurrar.

(4) “Com o espírito colocado, isto torna-se uma unidade harmoniosa”. Isto significa que quando se chega ao limite da acção de puxar /empurrar, a energia do espírito e da mente (*Kokoro*) que se encontram no corpo, devem ser colocadas no abdómen (*Tanden*), e o encontro da unidade do corpo, espírito e arco, “A plenitude das Três Essências como Uma Unidade” (*Sanmi-Ittai no Kai*) é revelado.

(5) “Da linha central do peito, dividir a direita e a esquerda de igual forma para libertar o tiro”. Isto refere-se à separação da harmoniosa unidade da abertura total (*Kai*). Assim na transição da abertura total (*Kai*) para a libertação (*Hanare*), a linha central do peito, que é o eixo central da forma fundamental do corpo, divide de forma igual a direita e a esquerda, para se tornar a libertação na qual o equilíbrio de forças na cruz vertical e horizontal é mantido. (*Tate-yoko Jumonji no Hanare*).

(6) “Está escrito, que a colisão do ferro e da pedra liberta faíscas súbitas” Isto significa que a grandeza do tiro está na energia espiritual. Para além do resultado de acertar ou falhar, esta clareza e nitidez do disparo, comparada enquanto tal à faísca soltada pelo embate do ferro na pedra, é do mais alto valor no tiro.

(7) “...e então aí surge o corpo dourado, brilhando branco, e a meia-lua situada a poente”. Aqui está referida a posição do corpo depois do disparo (*Zanshin*) na qual permanece a evidência do mais elevado nível de tiro. Ao olhar o céu da manhã, o vulto dourado do planeta Vénus pode ser visto a brilhar a leste, e a oeste permanece, também, a meia-lua brilhando ainda na alvorada. Isto celebra a verdade alcançada pelo tiro.

Comparando estes textos, verifica-se que o *Raiki-Shagi* centra-se nos princípios éticos, enquanto o *Shabo-Kun* alude sobretudo às qualidades da perícia prática. Se o ensinamento destes dois documentos for considerado, será um guia apropriado para o uso do Kyudo no tempo presente. A partir desta base, acredita-se ser possível que, se o esforço da prática for persistente, chegar-se-á seguramente à condição superior de “As Três Essências como Uma Unidade (*Sanmi-Ittai*)”. É com esta esperança que estes textos são apresentados como uma oportunidade de estudo e referência.

Escrito em 22 de Dezembro de 1967